



MEMÓRIAS DO GUACHE NO ARTISTA PLÁSTICO ED CARLOS ALVES DE SANTANA

DOI: 10.5281/zenodo.10631778

Ed Carlos Alves de Santana¹

RESUMO

O texto a seguir teve como objetivo geral dissertar acerca da pintura guache não ocorrida na infância do Artista Plástico Ed Carlos Alves de Santana e seu posterior encontro tardio com esta técnica pictórica. O então artigo em questão valeu-se de métodos científicos para uma maior e melhor compreensão da temática abordando aspectos plástico-teóricos da história da pintura universal. A pesquisa desenvolvida em seu bojo fora bibliográfica e prática de ateliê, que por meio do exercício contínuo e poético forneceu subsídios teóricos descritivos. Este estudo levou-me a concluir que nunca é tarde para se aprender algo que a vida tolheu em determinada circunstância, mesmo frente as inúmeras dificuldades, o que por sua vez promoverá uma melhor qualidade de vida com mais alegria, prazer e realização.

Palavras-Chave: Pintura, Guache, encontro, Arte, Prática, Infância

ABSTRACT

The following text had the general objective of discussing the gouache painting that did not occur in the childhood of the Plastic Artist Ed Carlos Alves de Santana and his subsequent late encounter with this pictorial technique. The article in question used scientific methods for a greater and better understanding of the theme, addressing plastic-theoretical aspects of the history of universal painting. The research developed within it was bibliographic and studio practice, which through continuous and poetic exercise provided descriptive theoretical support. This study led me to conclude that it is never too late to learn something that life hindered in a given circumstance, even in the face of countless difficulties, which in turn will promote a better quality of life with more joy, pleasure and fulfillment.

Keywords: Painting, Gouache, encounter, Art, Practice, Childhood

¹Mestre em Artes Visuais-vPPGAV-MAV-EBA-UFBA, 2012.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Recordações

Sou a mesma criança a garatujar
No chão de Quizambu com gravetos. Ainda
sinto o mesmo prazer neste ato.
A terra como um imenso caderno de desenhos Com
infinitas páginas.
O universo contido num rabisco com cheiro de terra.
Naquele ato estão contidos meus sonhos de artista, Ser
pintor, viver a vida a pintar e desenhar.

Comecei a pintar com tinta guache a partir do ano de 1999, no início de meu Curso Secundário “Científico clássico” no Colégio Estadual Dr. Magalhães Neto, situado no Bairro do Cachorro Magro em Alagoinhas - Bahia. Meu primeiro contato com esta tinta se deu numa Oficina de Artes Plásticas promovida pela Professora de Filosofia Jane Ander nesta escola ministrada pelo Artista Plástico alagoinhense, Litho Silva no dia 24 de maio daquele ano.

A marca da tinta guache que uso desde aquela época até o dia de hoje é a acriléx, de início usava as tintas de 25ml, está por sua vez continha mais brilho, porém menos poder de cobertura, sendo mais apropriada para usar na forma de aquarela, devido ao brilho e transparência das cores.

No decorrer dos anos adaptei-me melhor com a tinta guache acriléx de 250 ml, esta se mostrava mais densa, gorda, menos brilhante, fluída sendo o amarelo ouro e a verde folha mais aguado e com menos poder de cobertura, tendo o que tudo indica menos carga. Já as cores: vermelho fogo, azul celeste, azul Turquesa, verde bandeira, preto, branco, laranja, rosa se mostravam de ótimo poder de cobertura, dando um aspecto liso e



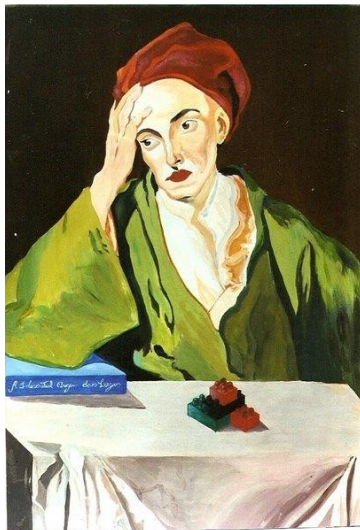
uniforme ao acabamento dos fundos e áreas de cor em meus trabalhos plásticos pictóricos ver (Fig.1).



(Fig.1) Ed Carlos – Garrafa de Leite- guache sobre papel duplex A2 - 2020

O SUPORTE

Como suporte trabalhei sobre diversos tipos de papéis no decorrer dos anos 1999 até o presente momentos ,2021, a exemplo: papel ofício comum, cartolinas, papel duplex, papel craft (mais conhecido como papel metro muito usado nas escolas primárias e secundárias para a confecção de cartazes e trabalhos escolares) cartolina 60Kg formato A1 Ver (Fig.2), papel cartão A1, papel Paraná A1, papel craft 300g/m² A1 e A3, papel canson A3 e A4, lay-out A3, papel panamá A1, papel canson para aquarela de 300 g/m² e eucatex.



(Fig.2) Ed Carlos - A Origem da Geometria Descritiva- guache sobre papel 60 Kg - 70 x 100 cm- 2005

Sempre me sair melhor com os papeis rígidos e absorventes, não costumo dar uma base de preparação de tinta P.V.A (Polivinílica) no papel antes de pintar com guache, para isto usei papel duplex, papel cartão ver (Fig.3), papel craft e o panamá. Desde então desenvolvo trabalhos em variadas escalas do A4, A3, A2, A1 ao A5. Atualmente uso papel craft 70 x 100 cm na gramatura de 300 g/m² para pintar retrato, paisagens, imagens de santos, marinhas, casarios, florais, nus, animais, obras criativas, diversos temas nos seus mais diversos gêneros da pintura.



(Fig.3) Ed Carlos- Autorretrato Triste- guache sobre papel cartão -70 x 100 cm- 2007

Na minha infância no período Escolar do Jardim ocorrido na Escola Municipal Ângelo Magalhães localizado em Fazenda Quizambu em 1987-1988, nunca tive acesso à tinta alguma, só lápis de cor, canetas hidrocores, giz de cera, lápis grafite, caneta esferográfica. “A infância e a velhice parecem tão distantes, mas são tão próximas. Num instante parecemos eternos, no outro, página na história” (CURY, 2012, p.9).

Lembro-me de pedir insistentemente para minha mãe, Alice, comprar tinta guache para mim, e ela nunca comprava, isto quando eu era criança.

Descobrir a tinta guache por mim mesmo em 1999 quando ingressei no segundo grau, curso científico clássico, lembro-me de deixar de comprar merenda para comprar tintas guaches da acrílex e descobri métodos de pintar por mim próprio pelo modo experimental exaustivo da tentativa, do erro e do acerto. Abaixo segue uma de minhas primeiras paisagens pintada com guache sobre papel sulfite A4 75 g/m² em 1999 (Fig.4)



(Fig.4) Ed Carlos- Paisagem- guache sobre papel officio A4-1999

“O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir” (Mário de Andrade- Prefácio Interessantíssimo. In: GOMES, 1982, p.29). Muito me ensinou o passado em matéria de guache.

ALGUNS CONCEITOS:

Para uma melhor compreensão da técnica de pintura em guache se faz necessário alguns esclarecimentos conceituais e de definição:

Guache_Tinta opaca solúvel em água, mais densa e pastosa que a aquarela, apresentada em vidros e bisnagas. (VELLO; XAVIER; DIAS; AGNER, s/d, p.138)

Guache -Tipo de tinta semelhante à aquarela, caracterizada por sua opacidade. (SMITH, 1997, p.71).

Guache - Aquarela que se tornou opaca pela adição de pigmento branco. Ela seca mais rápido e é mais densa que a aquarela transparente. (CURSO PRÁTICO DE DESENHO, 1986, p.117)

Mesmo frente a estes conceitos, a densidade, o tempo de secagem, o cheiro sempre foram qualidades no guache da acrílex muito atraentes para mim.



Deve-se levar em conta que estando eu morando na Zona Rural de Alagoinhas no Subdistrito de Riacho da Guia, em Fazenda Quizambu, a única forma de arte ao meu alcance era a antiga foto pintura de meus pais (Fig.5 e Fig.6) exposta na parede de minha casa, desde o tempo do casamento deles nos anos de 1969. Aquela fotografia que se queria pintura e ao mesmo tempo fotografia impregnou o meu imaginário permanecendo lá como uma referencia de artes para mim. Inconscientemente e sucessivamente a evoco em minhas pinturas de retratos a guache sobre papel.



(Fig.5), Fotopintura de meus pais- Acervo da Família, 1969

“Vi primeiro uns retratos na Parede:
Janelas onde olham
Avós hirsutos”. (QUINTANA, p.49; O espelho. In> Para Gostar de ler.)

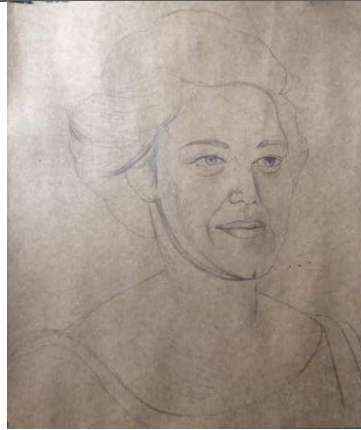


(Fig.6) Ed Carlos - Edmilson em terno azul - guache sobre papel craft - 49x 67 cm- 2016

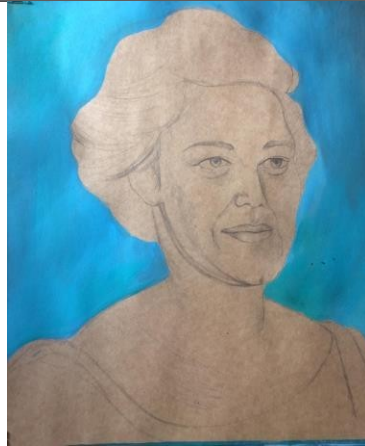
Meu trabalho pictórico enquanto retrato tem claras implicações autobiográficas. “O que vemos também nos olha” (DIDI-UBERMAN ,1998, p.31). Pintar com tinta guache para eu é como se um recuperar de uma época perdida nos tempos de minha infância vivida livre de tintas, como se uma compensação daqueles dias incolores juvenis.

O PROCESSO DA FATURA DO RETRATO EM GUACHE SE DAR DA SEGUINTE FORMA:

Primeiro desenho no papel craft o esboço do retrato a lápis grafite Hb ou 2B (Fig.7), marcando os locais de luz e sombra bem de leve com lápis grafite mesmo. Em seguida pinto o fundo para destacar a figura em primeiro plano (Fig.8), continuando marco com cores próximas ao de cada parte da face do retratado (fig.9) e sigo pintando aproximando os tons, fundindo-os entre as luzes e as sombras de forma a suavizar as passagens tonais (Fig.10), uso muito branco para luzes, às vezes o diluo bem em água (Fig.11-12).



(Fig.7) Esboço a grafite Hb e 2B sobre papel Craft A2



(Fig.8) Marcação do fundo para destacar a figura em primeiro plano



(Fig.9) Colocação dos tons próximos em cada parte do rosto



(Fig.10) Primeira suavização



(Fig.11) Uso dos brancos



(Fig.12) Trabalho concluído

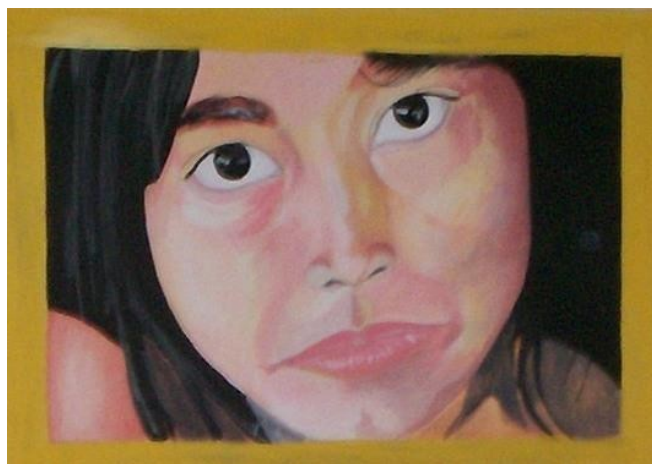


tonal na face	puros e aguados para fundir os tons e passagens	com acabamentos .
---------------	---	-------------------

A minha paleta compreende as três cores primárias: Vermelho fogo, azul celeste e amarelo ouro, mais preto e branco. Através da mistura das primárias com as secundárias e terciária vou encontrando uma vasta gama de tons.

Porém há tons que não se alcançam facilmente, opto por substituí-lo por outro próximo que não traga prejuízo ao todo em sua harmonia e concepção.

Tenho tendências ao tom de rosa (Fig.13) em meus retratos e são recorrentes em minha obra os fundos azuis celestes, influência da fotopintura e da fotografia 3x4 cm onde era muito comum os fundos azuis, porém hoje não se faz mais isto, fora substituído por branco. No entanto hoje minha pintura alcançou uma qualidade maior em termos tonais roçando a um realismo com aspecto de ilustração (Fig.14).



(Fig.13) Ed Carlos- Índia- guache sobre papel Paraná A3- 2006



(Fig.14) Ed Carlos- Estudo sobre fotografia de Modelo- guache sobre papel Craft 300g/m²- A2- 2018

A tinta guache em sua aparente inofensibilidade permite-me acesso a um tempo não vivido por mim em tenra idade, por mais que a tradição a tenha relegado a trabalhos infantis e escolares, conseguir dar-lhe uma feição profissional.

Pintar preferencialmente retratos em uma técnica tão difícil como o guache sempre me atraiu, pois: “O rosto é o retrato da história vivida” (MELO, 2008, p.78), e registrar de alguma forma a história que perpassa estes rostos se mostra gratificante e de grande expressividade para mim o que me reporta ao pensamento de AUMONT.

É expressiva a obra que induz certo estado emocional ao destinatário. É expressivo aquilo que exprime a realidade [...] os elementos de expressão são portanto elementos de realidade (AUMONT, 2001, p.277)

O aspecto plástico que atinjo em minhas pinturas de retratos na técnica do guache sobre papel tendo como ponto de partida à fotografia referencial confere a figuração um teor de beleza muito pessoal ver (Fig.15) segundo minha óptica, meu modo de ver e conceber a realidade, recriando-a, uma coisa pessoal.

Em suas confissões Santo Agostinho fala sobre os diversos tempos:



(...) Quando fazemos do passado narrativas verdadeiras, o que vem a nossa memória não são as próprias coisas, que cessaram de existir, mas termos concebidos a partir da imagem das coisas, as quais atravessando nossos sentidos, gravaram em nosso espírito espécies de impressões. Minha infância por exemplo, não está mais está num passado mais num passado também desaparecido; mas quando evoco e narro, é no presente que vejo sua imagem, porque esta imagem ainda esta na minha memória. (Santo Agostinho (354- 430) In: 100 discursos históricos /Org.: Carlos Figueiredo. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002, p.105)

Minha pintura em guache evoca uma época não vivida criativamente por mim quanto ao uso do guache, experiência esta só vivida muito tempo depois, o que me faz reportar a Casimiro de Abreu:

Meus oito anos

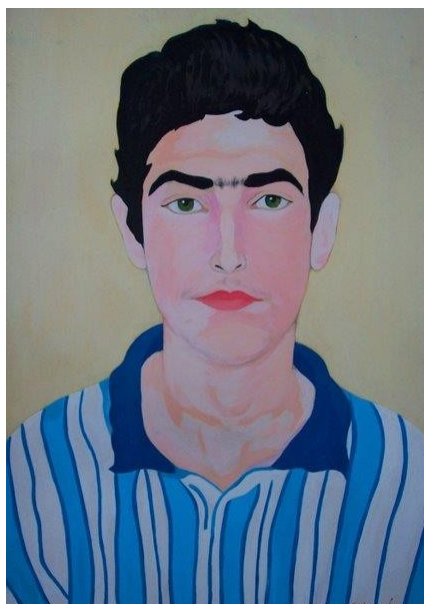
Oh! Que saudades que tenho Da

aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais! (...)

ABREU, Casimiro de. IN: Os mais belos poemas, poesias e contos modernos: Poetas e Escritores Românticos do Brasil. V.2 Ed. Novo Brasil Editora Brasileira Ltda, 1987-1988, p.10)



(Fig.15) Ed Carlos- Edmilson- guache sobre papel Paraná- 50x 70 cm- 2007

O alto grau de absorção da tinta no papel me é uma característica atrativa, pois demarco as zonas de cor e tons, e numa terceira demão de guache já consigo uma aproximação dos matizes que desejo, sobreponho muito os tons como no efeito de vitrificação, onde a cor de debaixo reflete e interfere na camada de cima.



Do ano de 1999 até o corrente ano de 2021 tenho experimentado o guache de diversas maneiras de pintar, confesso que tons como o violeta ver (Fig.16) é muito difícil de encontrar com os azuis e o vermelho como manda a teoria da cor. Já aceitei que há misturas inconcebíveis no guache da acriléx para obtenção de tons, adotei a metodologia de substituir determinado tom por outro análogo próximo, enquanto a ACRILEX não aumentar a sua paleta de cores terei dificuldades a sanar. Pelo que pude notar a ACRILEX lançou algumas cores novas como: Amarelo Limão, Branco, Preto, Lilás, Vinho, Amarelo Pele, Amarelo Ouro, Laranja, Vermelho Fogo, Verde Bandeira, Verde Folha, Rosa, Azul Celeste, Violeta, Marrom, Magenta, Cinza, Azul Turquesa.



(Fig.16) Ed Carlos- Mulçumana- guache sobre Cartolina A2- 2003

Vejamos o amarelo é muito transparente de fraco poder de cobertura exigindo a adição de branco para dar-lhe carga e deixa-lo mais encorpado, gordo, assim acontece com a cor verde folha, levando-os a perde na cor, pois a esmaece.

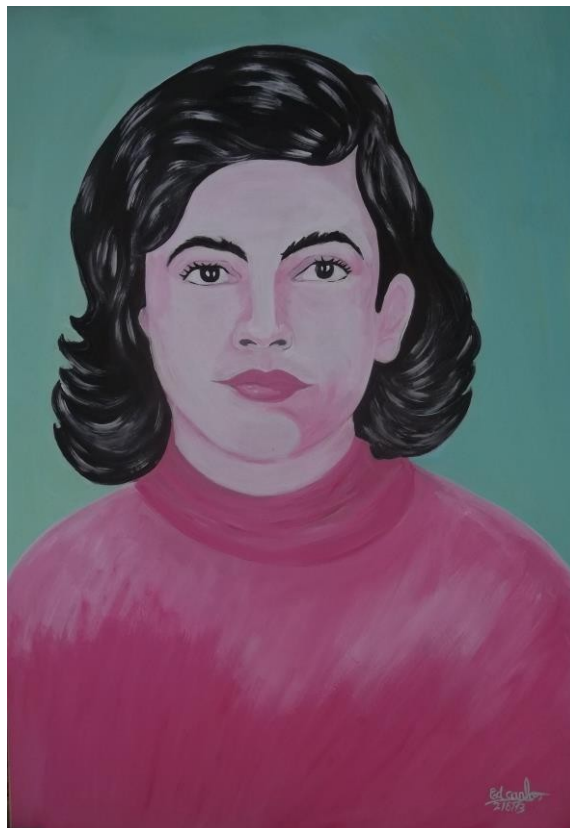
A ACRILEX fabrica vermelho fogo e amarelo ouro, mas faz-se mais prático comprar o laranja já pronto, pois a mistura do amarelo e do vermelho não se aproxima do laranja já pronto.

É curioso, pois as cores já prontas são mais eficazes que as misturas que a partir dela obtemos devido adição do branco na composição das cores.

Continuo minhas pesquisas acerca deste produto mesmo frente a certa pobreza cromática em sua gama de matizes e nuances.



As características como opacidade, lisura de cor me são extremamente atrativas ao meu fazer pictórico me dão grande prazer ver (Fig.17).



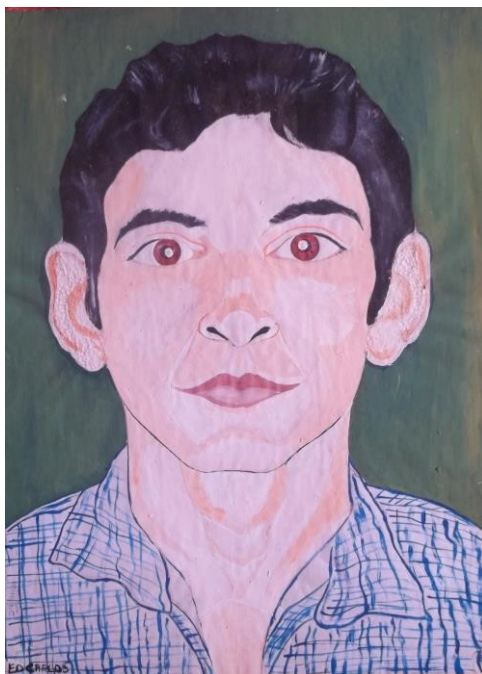
(Fig.17) Ed Carlos- Alice- guache sobre papel craft 66x 99 cm- 2013

Algo que me tocou profundamente em referência ao guache foi certo programa que assistir na TVE BRASIL em uma tarde de sábado do ano 2000, chamava-se GRANDES EXPOSIÇÕES, mostrava uma retrospectiva sobre a obra de Pierre Auguste Renoir e os guaches deste mestre eram tão belos, tão sublimes, que me motivaram ao usar o guache de uma forma mais profissional, visando algo grande em termos de técnica.

No início quando comecei a explorar o guache da acrílex, tive de aprender com meus erros, já que foi um aprendizado estritamente autodidata, aprendi que o pincéis moles demais não servem ao guache, nem duros demais, usar guache em demasia em um suporte fino causa rachaduras (Fig.18) e craquelês na camada pictórica. Compreendi que o guache é uma técnica de paciência, esta modalidade artística tem o tempo dela, descobrir que sobreposições e veladuras são quase impossíveis de se fazer, pois a



camada debaixo tende a integrar-se com a de cima. Tive grandes aborrecimentos e também grandes felicidades de descobertas e conquistas técnicas por acidentes felizes e intuitivos.



(Fig.18) Ed Carlos- Ed- guache sobre papel lay-out- A3- 2002

Em termos de suporte o papel panamá de 300g/m² é um excelente suporte para o guache, pois permite sobreposições, integrações das transições de cor por meio de pincel e água ver (Fig.19), esfregando-se suavemente conseguem-se uma passagem de tons leve sem divisões, quase aquarelado.





(Fig.19) Ed Carlos- Paisagem (Re-leitura de Velcy Soutier_ guache sobre papel panamá 70 x 100 cm - 2006

Atualmente tenho pintado em suportes mais resistentes como papel craft de 280 a 300g/m² sem base de preparação, pois tiro partido da absolvição do papel. As características de opacidade, solubilidade em água, pastosidade, secagem aparentemente rápida a depender do suporte usado foram fatores motivadores ao uso desta técnica por mim. Passei por vários gêneros da pintura: paisagem, natureza-morta, imagens sacras, nus, animais, casarios, marinhas, florais (Fig.20), me detive no estudo do retrato (Fig.21) por ser um gênero temático de minha predileção.



(Fig.20) Ed Carlos- Rosas- guache sobre papel craft 66 x 99 cm- 2017

Desenvolvi a pintura de retrato (Fig.21) em guache na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia de 2003 a 2007 na busca de resultados expressivos e que abarcasse minhas expectativas plástico-visuais e técnicas.

Cheguei a uma identidade pessoal no meu trabalho artístico na técnica do guache da acrílex, minha técnica compreende uma série de manchas tonais e sobreposições de cores que atingem resultados surpreendentes em meu fazer artístico.



(Fig.21) Ed Carlos- Mulher- guache sobre papel cartão A2- 2009

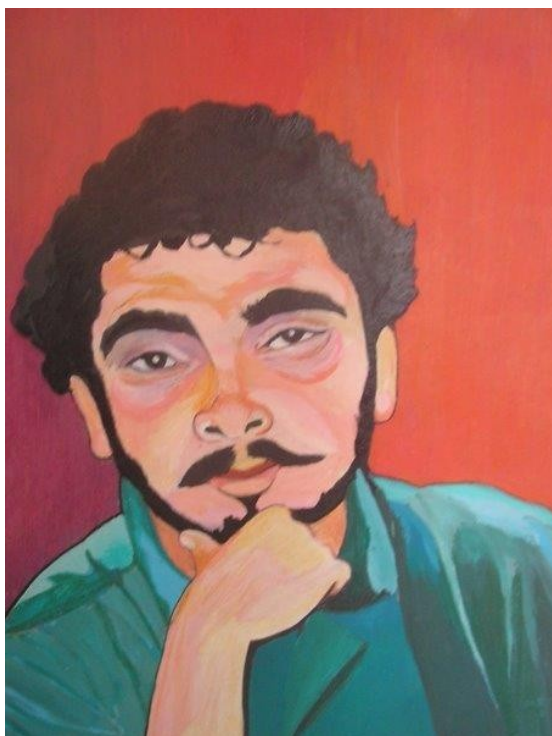
Sinto enorme prazer em manusear a tinta guache, sua densidade, seus tons opacos são de uma beleza única para mim. Fico à vontade ao pintar com guaches da acriléx, pois o tempo de secagem é lento a depender da temperatura do dia, em época de chuvas é uma maravilha pintar, a tinta retarda o processo de secagem por um longo período de tempo.

As cores amarelo ouro, amarelo pele, amarelo ocre, vermelho fogo, laranja, azul celeste, azul turquesa, verde folha, verde bandeira, marrom, preto, branco, rosa, laranja tem integrado minha paleta básica desde 1999, mesmo depois de tantos anos pintando com guache da acriléx, ainda tem tons que são impraticáveis de se obter com as misturas destas cores, levando-me a substituí-las por outras cores próximas apontando caminhos e possibilidades de interpretações tonais ajudando-me a pensar minha pintura despertando meu olhar para um novo dimensionamento tonal.

Para mim enquanto artista plástico a tinta guache acriléx tem sido um desafio plástico, me levando a instaurar reflexões visuais dando novos rumos e derrubando antigos conceitos há muito tempo pré-estabelecidos.



Em minha época de estudante de Artes Plásticas na EBA-UFBA, recebia a alcunha de “aquele guachista” ou mesmo ouvia: “ele pinta com aquela tinta com cheiro de chiclete”, (Mike Sam Chagas 2006) ver (Fig.22) é notório a aversão que o estudante de artes plásticas tem do contato inicial com o guache, dado as dificuldades em seu domínio e manuseio.



(Fig.22) Ed Carlos - Mike- guache sobre papel panamá A4 2005

Minha pintura guache sempre fora reflexo do meio em que vivi. Meus retratos são análogos as fotopinturas de antigamente.

A característica inicial marcante de minha pintura a guache era o aspecto chapado, plano sem volumetria, naquele momento importava-me mais com a cor, com o desenho, o aspecto tridimensional fez-se inicialmente inatingível em minha obra plástica, buscava outras soluções na cor.

Quando iniciei minhas buscas com a pintura guache, não me detive em referencias de pintores, mestres desta arte, foi algo um tanto intuitivo sob a égide de uma experimentação incansável, às vezes os resultados frustravam-me muito.

Sempre inquietei-me por não atingir fins em termos visuais em se tratando do guache, é curioso perceber uma lenta e progressiva evolução em meu trabalho, não tive pressa, me deixei levar pelo prazer que esta técnica me proporcionava.



Pintei bastante com esta técnica, seu cheiro, o tempo de secagem, sua pastosidade sempre me agradou (Fig.23).

O guache tem uma característica de solidez tonal muito intensa e pura que aplico nos fundos de meus retratos o que lhes confere aspecto de art. pop, uma necessidade que decorre do próprio exercício da pintura, trabalho de maneira a preservar uma força expressiva máxima nestes retratos de modo a criar uma poética visual rica e expressiva.



(Fig.23) Ed Carlos - Moça - guache sobre papel craft 49x 67 cm- 2016

Nestes anos de práticas do guache, sempre usei pincéis condor, ou tigre pintore os números 00, 02, 04, 06, 08, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22,24 e como paleta dei preferência a pratos de louça brancos e água corrente para dissolver as tintas guaches.

Foram experiências gratificantes, sempre busquei meu traço pessoal, minha marca, minha assinatura. Não me lembro de ter desejado alcançar o hiperrealismo, realismo, naturalismo. Antes buscava uma expressão plástica que em primeiro das hipóteses me satisfizesse como artista e pintor; Atualmente exploro as possibilidades do guache na fatura de retratos que beira o realismo (Fig.24). Ainda encontro imensos desafios em se tratando da obtenção de tons e nuances de pele humana.



(Fig.24) Ed Carlos- Vera- guache sobre papel craft 66 x 99 cm- 2016

Tenho gostado desta busca por solucionar tais desafios na resolução deste impasse plástico.

Coloco o guache em pratos brancos de louça para ver as cores claramente sem interferência da cor da paleta.

De acordo com minha necessidade diluo a tinta com maior ou menor quantidade de água, para atingir efeitos de transparências, ou uso apenas toques desta aguada em áreas específicas do trabalho que estou pintando.

Algumas cores no guache da acriléx são muito transparentes com poder de cobertura fraco, nestes casos acrescento branco dando mais carga e encorpando mais a tinta, aumentando assim sua opacidade, pois o branco faz as cores perderem o brilho inicial.



CONCLUSÃO

O texto até aqui narrou de maneira pessoal, subjetiva, poética e memorialística o meu encontro tardio com a tinta guache acrílico. Descreveu meu percurso criativo, as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem de modo autodidata.

No decorrer da escrita os resultados alcançados no transcorrer de alguns anos de dedicação são expostos. O método de aprendizagem foi o do erro e acerto, fazer-e-rafazer, empírico por natureza. A minha formação fora contínua e ininterrupta.

Neste texto foram abordadas qualidades e especificidades desta técnica tão antiga. Falou-se sobre suportes, pincéis e a necessidade de uma prática constante a fim de desenvolver traquejo com o material.

Esta redação em si tratou do resgate da pintura a guache não vivida na infância do artista. Tratou-se do prazer derivado deste encontro, deste fazer. Os desafios, as buscas, os encontros na perspectiva da fatura de uma pintura satisfatória.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. IN: **Os mais belos poemas, poesias e contos modernos: Poetas e Escritores Românticos do Brasil**. V.2 Ed. Novo Brasil Editora Brasileira Ltda, 1987-1988, p.10)

Santo Agostinho (354-430) In: **100 discursos históricos** /Org: Carlos Figueiredo . Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002, p.105)

ANDRADE, Mário de. **Prefácio Interessantíssimo**. In: GOMES, Roberto. Crítica da razão tupiniquim. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1982., p.29.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2001.

CURSO PRÁTICO DE DESENHO. Tradução: Carmen Fischer. São Paulo: Círculo do livro S.A, 1986.



CURY, Augusto. **Seja líder de si mesmo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. 80p.;10,5 x 15 cm;ed. Popular. ISBN978-85-7542-815-3

DIDI-UBERMAN, Georges. **O que vemos , o que nos olha**. São Paulo? Ed.34, 1998

MELO, Fábio de. **Quem me roubou de mim?** :o seqüestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa. 23.ed. São Paulo, SP: Editora Canção Nova, 2008. ISBN 978-85-7677-098-5

QUINTANA, Mário. **O espelho**. In: Para Gostar de Ler, 19??, p.49.

SMITH, Ray. **Desenhando figuras**. São Paulo: Manole, 1994.72 p.(Escola de Arte).

VELLO, Valdemar; XAVIER, Natália; DIAZ, Luís Huertas; AGNER, Albano. **Educação Artística**, 2º grau: expressão plástica, desenho geométrico, desenho publicitário, glossário ilustrado. São Paulo: Editora ática, (Livro do Professor)

1 Ed Carlos Alves de Santana





Ed Carlos Alves de Santana é natural de Alagoinhas-Bahia, nasceu em 15/08/1980, é o terceiro de 4 irmãos, filho de José Cobertino de Santana e de Alice Alves de Santana (ambos falecidos 2005 e 2007) foi criado em Fazenda Quizambu, sempre estudou em escolas públicas: municipais e estaduais. Concluiu o Ensino Fundamental I nas Escolas Municipais: Escola Municipal Angêlo Magalhães (do Maternal a 2 Série- de 1987-1991), e Escola General Osório (3ª e 4ª Série em 1992-1993) em Fazenda Quizambu, cursou o Ensino Fundamental II no Colégio Municipal Dr. Jaíro Azi (da 5ª a 8ª Série de 1994-1998) no Sub Distrito de Riacho da Guia e o Ensino Médio no Colégio Estadual Dr. Magalhães Neto (1º ao 3º Ano Científico Clássico de 1999-2001) em Alagoinhas-Ba. Graduiu-se como Bacharel em Artes Plásticas (2008) e Mestre em Artes Visuais (2012) ambas as titulações pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

Atuou como Professor de Artes, Desenho Geométrico e Educação Artística nos Ensinos Fundamental II e Médio da rede pública estadual e privada de ensino soteropolitano desde o ano 2008 a 2016. É professor de Desenho Artístico e Pintura acrílica sobre tela na Faculdade da Maturidade São Bento desde 2011. Em 2018 Prestou serviços na função de Monitor de Artes, em uma Unidade de acolhimento de pessoas em sofrimento psíquico e ou deficiência intelectual com ou sem referências familiares, no Lar Social Polarys, localizado na Rua Everaldina, Bairro da Paz, nº, 544, Itinga, Lauro de Freitas-Bahia, sob a gestão da Associação Pleno Cidadão (ASPEC), inscrita nº de CNPJ 11.322.410 0001-75 no período de abril a novembro de 2018, cumprindo carga horária semanal de 30 horas.

Realizou exposições individuais e coletivas em diversas cidades baianas: Salvador, Cachoeira, Alagoinhas, Feira de Santana, Riacho da Guia, Fazenda Quizambu. Tem obras no Acervo da Marinha da Bahia, da TV CNT-Ba, do SESC-Ba, e da Escola de Belas Artes da UFBA. É pesquisador de Artes Plásticas em Poéticas Visuais na área de Processos Criativos em Pintura acrílica sobre tela, sobre Eucatex, e sobre papel, e guache sobre papel de diversas gramaturas onde desenvolve trabalhos em variados gêneros da pintura: Retrato, paisagem, marinhas, florais, animais, casario, nu, natureza- morta, pintura criativa livre beirando o abstracionismo.

Em suas investigações, tece reflexões plásticas poético-teóricas e criativas sobre o tema Retratos de Família no decorrer dos tempos, através de trabalhos artísticos em pintura em guache sobre papel e acrílico sobre tela e/ou sobre Eucatex e papel levando-se em consideração os diferentes suportes e técnicas no resultado final de seu trabalho artístico.



Vem publicando poesias em diversas Antologias Literárias na Bahia, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Escreve críticas e poesias de artes quinzenalmente desde o ano de 2009 para os jornais de Alagoinhas- Bahia: Gazeta dos Municípios, Folha da Terra e Expresso 18, publicou crítica de arte em sites como o CITRICA da Funceb- BA. Tem quase uma centena de poesias publicadas no Caderno Literário Pragmatha Organizado por Sandra Veroneze.

É pesquisador de artes visuais que vem traçando um levantamento histórico-poético e artístico sobre os artistas e as artes plásticas de Alagoinhas-Ba de 1980 até os dias atuais visando compor tese de Doutorado futura em Crítica Cultural pela UNEB .

Como artista plástico expõe periodicamente suas pinturas e desenhos tanto individual como coletivamente em espaços culturais, Galerias, Teatros, Salões, Faculdades e Museus Baianos. Participou de Salões e Bienais na Bahia. Vem expondo seus trabalhos de pinturas e desenhos desde o ano de 1999. Sua primeira exposição individual foi no Laguna Shopping de Alagoinhas-Ba. Atualmente está organizando um livro com suas críticas de artes publicadas nos jornais: Gazeta dos Municípios; Folha da Terra, A tarde, Expresso 18, Revista Artpoesia, O Tempo, no Cítrica da Funceb-Ba, Revista Trama visando uma arte que alcance diversos públicos na Bahia e no Brasil. Em 1999 começou suas experimentações com tintas guache da marca acrílex, desde então vem desenvolvendo pinturas numa linguagem muito pessoal e original ao sabor das novas descobertas espontâneas e intuitivas nesta técnica em especial, ditada pela experimentação.

Recebido em: 11/12/2023

Aprovado em: 27/12/2023

Publicado em: 07/02/2024